

## Artigo Original

# O conteúdo intelectual do lazer no processo do aprender a envelhecer

Jossett Campagna  
Gisele Maria Schwartz

*Instituto de Biociências. UNESP - Univ Estadual Paulista, Campus de Rio Claro,  
Departamento de Educação Física, Laboratório de Estudos do Lazer (LEL), Rio Claro,  
SP, Brasil*

**Resumo:** Este estudo qualitativo objetivou investigar as ressonâncias das vivências do conteúdo intelectual do lazer para idosos. Na pesquisa de campo utilizou-se do instrumento questionário misto contendo dez questões, aplicado a uma amostra de cinquenta idosos de ambos os sexos. Os dados foram analisados descritivamente, pela Técnica de Análise de Conteúdo Temático e evidenciaram que tais vivências estimulam a reflexão e o exercício da cidadania. Entre os principais conteúdos intelectuais para o preenchimento qualitativo do tempo disponível foram eleitos pela amostra: assistir noticiários na TV (70%), vídeos sobre saúde e envelhecimento (55%), leitura de jornais, revistas, livros (54%), jogos estratégicos (35%) e visitas a museus (8%). Concluiu que as vivências intelectuais aguçam a crítica e a criatividade e subsidiam melhor compreensão sobre envelhecimento, mobilizando a construção do conhecimento e ampliando as oportunidades do aprender a aprender, a ser, a fazer e a conviver.

**Palavras-chave:** Lazer. Idoso. Envelhecimento.

### *The intellectual leisure content in learning the process of aging*

**Abstract:** This qualitative study aimed to investigate the resonances of the intellectual content of leisure for older adults. A mixed questionnaire containing ten questions was applied to a sample of fifty older adults people of both genders. Data were descriptively analyzed by thematic content analysis technique and showed that such experiences encourage reflection and the exercise of citizenship. Among the intellectual contents to qualitatively fulfill free time availability were elected by the sample: watching news on TV (70%), videos on health and aging (55%), reading newspapers, magazines and books (54%), playing strategic games (35%) and visiting museums (8%). It can be concluded that the experiences sharpen the critical and intellectual creativity and subsidize better understanding of aging, involving the construction of knowledge and expanding the opportunities of learning to learn, to be, and to live.

**Key Words:** Leisure. Older Adults. Learning.

## Introdução

No âmbito da Motricidade e da Educação Física, as questões do envelhecimento ganham destaque, na medida em que os benefícios decorrentes das práticas de natureza física, esportiva, recreativa ou do contexto do lazer são reiterados e seduzem um número cada vez maior de adeptos de todas as faixas-etárias, inclusive, na etapa do desenvolvimento humano relativa ao envelhecimento. Esse destaque, advindo, inclusive, da competência e do empenho dos profissionais dessa área, também pode ser explicado pela difusão/ socialização das informações veiculadas na mídia, a respeito das ressonâncias positivas dessas práticas na saúde humana ([ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS, 2007](#)).

Os órgãos oficiais e a comunicação de massa socializam informações que convergem com as expectativas positivas do segmento idoso, sedento por agregar qualidade aos anos adicionais já conquistados pela longevidade,

requisitando elaboração cognitiva singular da pessoa idosa. Isto decorre da perspectiva de favorecer a transformação dessa informação veiculada em conhecimento efetivo, no sentido de dar sustentação e consistência às atitudes presumivelmente compatíveis com o estilo ideal de vida de cada uma.

O conhecimento emerge, então, como peça-chave dos parâmetros individuais do idoso para lidar com esse momento vital. O conhecimento é um termo que enfatiza o papel dos agentes cognitivos<sup>1</sup>, com o seu caráter processual ativo. [Assmann](#) (1998), expõe que a geração de dados não estruturados não conduz à criação da informação e que nem toda informação é sinônimo de conhecimento, uma vez que esta pode ser processada de múltiplas formas.

<sup>1</sup> Agentes cognitivos referem-se aos processos, nos quais “[...] os receptores da informação são, ao mesmo tempo, classificadores, analisadores, processadores ativos da mesma e, ao menos parcialmente como nos humanos, construtores e reconstrutores ativos do conhecimento ([ASSMANN, 1998, p.149](#))”

Para a aquisição do conhecimento, faz-se necessário o “*aprender a conhecer*” (DELORS, 2003, p.90), uma aprendizagem que prioriza o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento e, nesse sentido, não exacerba a aquisição do saber codificado. Para esse estudioso, o conhecimento favorecendo a compreensão do universo do desenvolvimento pessoal, social, profissional, da dignidade e do prazer de compreender.

Sendo assim, conhecer e descobrir fazem do conhecimento, respectivamente, *meio* e *finalidade*. Disso se depreende que o processo do *aprender a conhecer* supõe o aprender a aprender, ambos facilitados nos diferentes tipos de vivências significativas, nas quais aquelas concernentes ao lazer se inserem como “veículo” e “objeto” de educação não-formal, ao longo de toda existência humana.

Ainda sobre a construção do conhecimento, no contexto da atual cultura marcada pela mídia e comunicação, todas as vivências no universo dos conteúdos culturais do lazer (DUMAZEDIER, 1980; CAMARGO, 1998; SCHWARTZ, 2003), podem ampliar as oportunidades de desenvolvimento pessoal e social, por intermédio do *human lifelong learning* (*aprendizado ao longo da vida*) (SUTHERLAND; CROWTER, 2006; FIELD, 2005; HOLMES, 2002), consolidando novos papéis e novos estilos de vida. Destacam-se, nesse contexto, as vivências de natureza *intelectual do lazer*, mobilizando o pensar e a construção do conhecimento.

O conteúdo intelectual refere-se àquelas atividades, nas quais o ser humano busca o contato com o real, as explicações racionais, as informações objetivas, com destaque para o conhecimento vivido, experimentado (MARCELLINO, 2002a). Tais experiências favorecem a consecução do referido desenvolvimento, inclusive, no que tange ao *aprender a aprender, ao aprender a ser, a fazer e a conviver*, potencializando a universalização da cidadania cultural para a educação do século XXI, defendida pela UNESCO (DELORS, 2003). Para tanto, requisita olhares diferenciados e reflexões transdisciplinares.

Assim, diante das lacunas teóricas existentes constatadas sobre as abordagens que exaltam o sentido do lazer e sua presença numa sociedade de “cabelos brancos” (VERAS, 2003, p.11), torna-se imprescindível, elucidar as concepções-chave adotadas no bojo dessa investigação: envelhecimento, idoso e lazer em suas imbricadas relações.

Quanto ao envelhecimento, sua realidade atual depara-se com o desafio de contemplá-lo quanto aos princípios acordados pela *Organização das Nações Unidas - ONU* (1991): *independência, participação, cuidados, dignidade e auto-realização*. É por meio desse olhar detalhado que se torna possível entender aqueles perfis que parecem universais e os peculiares, que configuram, cada um, como ser singular, único, reflexo das próprias marcas e impressões em determinados períodos da vida.

As mudanças sistêmicas e adaptativas que ocorrem ao longo de toda a existência, tendo características pontuais, invalidam hipóteses como as de que uma etapa ou uma das dimensões do desenvolvimento humano seja mais importante que outra e, também, de que uma teoria, por si só, seja universalmente aceita e capaz de abarcar todas as facetas quantitativas e qualitativas que permeiam esse processo de ascensão humana aos patamares mais elevados de auto-realização. Percebe-se, então, a complexidade do fenômeno envelhecimento.

Antecedentes sobre a caracterização do envelhecimento haviam levantado questionamentos, por exemplo, quanto às diferentes relações e significados do conceito “idade”, perpassando a idade cronológica ou calendária<sup>2</sup>, a idade biológica ou individual<sup>3</sup>, a idade psicológica, a social e a funcional<sup>4</sup> (SINGER, 1981). Para esse pesquisador, a relação entre essas três modalidades constitui a “idade funcional”, a qual, nessa corrente de raciocínio, refere-se à “verdadeira idade”. Ele entende o envelhecimento como o produto da transformação que as pessoas aparentam, de forma característica, quando avançam na idade adulta até o fim de sua existência. Para Singer, idade biológica difere da cronológica, argumentando que algumas pessoas são biologicamente velhas aos trinta anos, enquanto outras aos setenta e têm resistência, disposição e vitalidade correspondentes a quarenta anos.

Na década seguinte, a concepção de *Beauvoir* (1990) defendeu o envelhecimento como fenômeno eminentemente biológico, com singularidades próprias e que ressoam no enredo psicológico do ser humano. Para ela, talvez seja esta a explicação da dimensão existencial desse processo, chamando a atenção para o fato de

<sup>2</sup> Idade cronológica não é sinônimo de idade biológica (MARQUEZ FILHO, 1998).

<sup>3</sup> Idade biológica é a idade demonstrada pelo organismo, tendo como parâmetro as condições do tecido e os valores normativos (MARQUEZ FILHO, 1998).

<sup>4</sup> Idade psicológica é aquela concernente à competência pessoal de adaptação às reações e à auto-imagem dos indivíduos (BIRREN, 1974 apud MARQUEZ FILHO, 1998).

que há condutas visivelmente associadas às idades mais avançadas.

[Weineck](#) (1991), concluiu que a ausência de uma definição universal para “idade”, também inviabilizou a definição de envelhecimento. Outras investigações desenvolvidas por [Neri \(1995a, 1995b\)](#), com fio condutor no termo “idade”, discorreram sobre a dificuldade de a Psicologia do envelhecimento, conciliar os conceitos envelhecimento e desenvolvimento.

Pautando-se nas mutações desencadeadas no ser humano ao longo de toda sua vida, [Marquez Filho](#) (1998) defendeu que o envelhecimento, ocorrendo de forma, ritmos e épocas da vida diferentes, incorpora características de fenômeno individual e não coletivo. Essa individualidade, também tomada como objeto dos estudos de Neri, permitiu-lhe afirmar que, se por um lado o envelhecer denota perdas, declínio, incapacidade, debilidades, fragilidades, tanto a cultura, quanto o próprio sujeito têm como promover alterações positivas no plano psicológico dos envolvidos nessa fase.

Apostando nos ganhos concomitantes às perdas e, inclusive, na dimensionalidade desses ganhos proporcionalmente às perdas, de modo a minimizá-las, este estudo, tendo clareza sobre o processo do envelhecimento, sabidamente individual, intransferível, gradual e inexorável, concebe-o sob as perspectivas da pluridimensionalidade e da continuidade ao longo da existência. A obra de [Bobbio](#) (1997) revelou que os ganhos podem ser expressos na humildade do reconhecimento dos próprios limites, na tentativa de olhar o passado e o presente sob as lentes da justiça, o que só está ao alcance daqueles que, com o tempo, ganharam sabedoria.

O envelhecimento, como uma realidade mal compreendida ou incômoda, foi alvo da atenção de [Debert](#) (1996), quando, ao abordar a alteração dessas imagens, enfatizou que as pesquisas em Gerontologia têm passado de uma abordagem fixada no envelhecimento como fonte de miséria, para fonte de recursos. Enquanto fonte de recursos, essa etapa da vida é compreendida como a fase na qual o idoso é dotado de condições para vivenciar situações prazerosas e promover seu próprio desenvolvimento.

Ao mesmo tempo em que esse paradigma ameniza aquela imagem de velhice pobre e desassistida, ocorre uma tendência de responsabilizar o próprio idoso pela conquista de determinados estilos de vida. Esse termo, para [Ferrigno](#) (2003), representa as diferentes

maneiras de ação do indivíduo face ao processo de envelhecimento.

Sobre a pluralidade de formas de envelhecer, [Bobbio](#) (1997), corroborando [Barreto](#) (1992), para quem o universo do velho remete ao universo social que fabrica a velhice, considerou que as atitudes, condutas e modos de vida do idoso denotam uma continuidade com o estilo de funcionamento social vigente nas etapas anteriores. Desse modo, Bobbio alegou que se envelhece como se vive. Os fatos, as experiências, as tomadas de posicionamento e o modo de vida atuais, provavelmente, foram influenciados por momentos anteriores e interferirão nos subseqüentes.

Outra visão que muito contribuiu para a sustentação dessa temática foi a de [Iwanowicz](#) (2000), pois colocou na trama da complexidade da velhice um outro ingrediente, quando discutiu o lazer e o desenvolvimento prossocial do idoso. A autora considerou, nessa tese, que ele não deve ser pensado como indivíduo, mas sim, com uma individualidade que não reflete a vida, mas, ao contrário, a produz.

No que concerne ao conceito de idoso, o segundo grande tema do estudo, tem-se que essa condição está atrelada à pessoa com 60 anos, conforme concepção socializada por [Weineck](#) (1991), quando subdividiu a velhice em quatro estágios: meia idade: 45 a 59 anos; idoso de 60 a 74 anos; ancião, de 75 a 90 e velhice extrema acima dos 90. Essa terminologia, perante a Lei 10.741/2003, Estatuto do Idoso ([BRASIL](#), 2003), equivale ao velho, sujeito com 60 anos ou mais.

Importante destacar que há limitações nesta classificação, a qual considera apenas os aspectos cronológicos da idade do indivíduo, desprezando os demais de natureza biológica, psicológica, social, filosófica e cultural, os quais, tanto podem acelerar, como retardar esse processo. Essas evidências ficam tanto mais nítidas quanto mais se observa pessoas, dentro da mesma faixa-etária, com reações totalmente diferentes diante de um mesmo estímulo ou “provocação”.

Considerando, portanto, a pessoa no processo de envelhecimento como sempre capaz de aprender novos estilos, de adotar novas condutas e de decidir espontaneamente pelas vivências significativas, tornou-se interessante buscar compreender de que modo esse segmento se apropria nas instâncias contextuais do lazer, como terceiro elemento conceitual aqui em destaque.

Quanto ao terceiro grande tema, o lazer tomado como “veículo” e “objeto” de educação, para este estudo, é concernente a um fenômeno historicamente situado, à manifestação humana, cultura vivenciada, ao tempo privilegiado para mobilização de mudanças de ordem pessoal, social e cultural, denunciadores/anunciadores da transformação ou manutenção de valores, atitudes, crenças vigentes (MARCELLINO, 2004).

O lazer contempla conteúdos independentes e interdependentes, cuja denominação se dá por predominância. Inicialmente, os interesses sobre o lazer foram identificados por Dumazedier (1980) em cinco conteúdos: manual, social, artístico, intelectual e físico-esportivo. Nas décadas seguintes, houve a necessidade de ampliação dessa gama de conteúdos, acrescentando-se o interesse turístico (CAMARGO, 1998) e, mais atualmente, foi sugerida a inserção do conteúdo virtual, por Schwartz (2003).

Embora a matriz teórica de Dumazedier tenha número significativo de adeptos, no Brasil existem convergências e divergências quanto a alguns de seus fundamentos. É o caso de Marcellino (2002b), cujo pensamento converge com o clássico francês sobre os avanços tecnológicos e o surgimento do lazer, a classificação por campos de interesse, a relação da humanização do trabalho pelos valores do lazer e vice-versa, aos aspectos tempo e atitude como constitutivos do lazer e a existência de atitudes ativas e passivas relacionadas ao lazer. Suas divergências são epistemológicas (conceito de lazer), uma expressão que caracteriza o tempo no qual o lazer ocorre (livre/disponível), relação trabalho e lazer, ócio como possibilidade de lazer, visão funcionalista do lazer: utilitária<sup>5</sup>, romântica<sup>6</sup>, moralista<sup>7</sup>, compensatória<sup>8</sup>.

Perspectivada filosófico-socialmente por Bellefleur (2002), a definição do lazer, contemporâneo foi considerada uma tarefa difícil, porque esse termo não dá conta de abarcar sua relatividade existencial. Por isso, para elucidar seu pensamento sobre lazer, esse estudioso defendeu que, para além de atribuir-lhe conteúdo, implica em compreendê-lo como processo

comportamental enraizado na pulsão de vida buscada, de modo poliforme e polivalente.

Na medida em que Bellefleur (2002), também, defendeu que o lazer tornou-se muito mais do que instrumento de descanso, evasão das vicissitudes ou da alienação do trabalho, ficou evidenciada a congruência entre seus argumentos e os de Marcellino (2002a) e, nesse sentido, ambos, exaltaram o lazer como prática cultural concreta, como cultura imbricada no lazer que favorece a identidade na diferença.

Sendo pontual, ficou a inquietação pertinente ao investigar a possibilidade de esses conteúdos culturais intelectuais, mobilizadores de pulsões de vida, intervirem na qualidade do processo do aprender a envelhecer, que embute questões sobre saúde (OMS, 2007), bem-estar (HAWORTH; ISO-AHOLA, 1997), estilos de vida (FEATHERSTONE, 1995).

Estudos de Haworth e Iso-Ahola (1997) versando sobre trabalho, lazer e bem-estar na vida adulta, revelaram que a participação nas várias opções das atividades no contexto do lazer, incluindo as de natureza física e outras, associaram-se à estimulação do bem-estar psicológico, do auto-conceito, da interação social, satisfação de vida, felicidade e redução da depressão. Nesta mesma investigação, os idosos, envolvidos com atividades no âmbito do lazer, tiveram seu desenvolvimento bem sucedido, quanto aos seus aspectos cognitivos e, também, benefícios para a saúde física. Haworth e Iso-Ahola (1997) elucidaram, ainda, que essas atividades elevaram as chances de bem-estar e saúde direcionadas aos estados de ânimo, os quais, afetam o sistema imunológico de seus adeptos regulares e assumidos como detentores de um estilo de vida ativo.

Para Featherstone (1995), estilo de vida é uma expressão que, em função das profundas transformações havidas no mundo atual, incorporou a dinamicidade relativa ao cotidiano, que deve ser pensado sob a ótica das mudanças sociais, institucionais e humanas.

Todas essas questões remetem à qualidade de vida (NAHAS, 2001; DISKIN, 2000). Nahas (2001) exaltou a mudança de posturas e atitudes diante das condições em que vive o ser humano e definiu qualidade de vida como o conjunto de parâmetros individuais e socioambientais introjetados pelo ser humano. Diskin (2000) condicionou a qualidade de vida individual, institucional e coletiva a algumas variáveis: as capacidades de se relacionar com o outro

<sup>5</sup> *Utilitária* redução do lazer à possibilidade de “recuperação da força de trabalho” ou sua reciclagem (MARCELLINO, 2002a, p. 48)

<sup>6</sup> *Romântica* destacando os valores da sociedade tradicional e nostalgia do passado (MARCELLINO, 2002a, p. 47)

<sup>7</sup> *Moralista* porque associado a um “caráter ambíguo do lazer”, no sentido de que sua efetivação possa acontecer de modo negativo, inconveniente, desagregador (MARCELLINO, 2002a, p. 48)

<sup>8</sup> *Compensatória* enfatiza a “compensação” da insatisfação decorrente da alienação do trabalho e outras esferas de atuação humana (MARCELLINO, 2002a, p. 47)

(diferente), com o entorno e com o planeta, de modos responsável e respeitoso: a competência em promover o legítimo direito de oportunidades para usufruir os bens naturais e culturais disponibilizados pelas comunidades humanas, ao longo de sua história.

Mais recentemente, [De Gáspari e Schwartz](#) (2005) apontaram alguns dos possíveis facilitadores do enfrentamento desta fase do desenvolvimento humano, tendo em vista que o estilo de vida de cada um pressupõe níveis de consciência e consistência entre atitudes implícitas e explícitas e que uma equalização entre ambas pode restringir a incidência das dissonâncias cognitivas, teoria estudada por [Festinger](#) (1957). Na gama destes fatores, as referidas pesquisadoras exaltaram o maior acesso à informação, a participação efetiva em diferentes vivências no contexto da educação não-formal, a adoção de hábitos mais saudáveis de convivência e alimentação, as práticas regulares de atividades físicas, esportivas, recreativas e, especialmente, de lazer.

Sendo assim, algumas inquietações ficaram pendentes, instigando esse estudo no sentido de elucidar os seguintes questionamentos: a informação elaborada cognitivamente na forma de conhecimento apreendido de maneira não-formal, por meio do conteúdo intelectual do lazer teria interferência no aprender a envelhecer, um processo muito mais complexo, abrangente e multifacetado? Esse processo intelectual seria a chave para a consistência de atitudes dos idosos e suas condutas direcionadas a perceber, significar e vivenciar o envelhecimento de modo ativo e saudável?

Este estudo teve como objetivo investigar a interveniência do conteúdo intelectual do lazer no processo do aprender a envelhecer.

## Método

O estudo tem uma natureza qualitativa, em função de que este método contempla a subjetividade, a diversidade e a flexibilidade de aspectos que permeiam o dinamismo dos fenômenos sociais ([PALYS](#), 2003) sendo, portanto, pertinente à investigação do lazer como tal. Constou da união entre pesquisa bibliográfica e pesquisa exploratória, para se conhecer, de fato, o fenômeno/processo social investigado ([MARCONI; LAKATOS](#), 2000).

Como instrumento para a coleta de dados da pesquisa exploratória foi aplicado um questionário misto, contendo dez questões abertas e fechadas, concernentes a alguns dados pessoais dos amostrados (sexo, idade, instrução,

nacionalidade, profissão) e às opções para o preenchimento do tempo livre, remetendo à aquisição, transformação e/ou ampliação do conhecimento na gestão do aprender a envelhecer.

O número de participantes foi fixado após a entrega do instrumento a um grupo de 65 pessoas matriculadas na turma, reiterando os percentuais de perdas previstos na literatura de metodologia científica. Desse modo, a amostra voluntária da comunidade rio-clarense, foi composta por 50 idosos de ambos os sexos, com 60 anos ou mais, de diferentes profissões, nacionalidades e níveis de instrução, regularmente matriculados numa Faculdade de Terceira Idade, em Rio Claro. No contexto Brasil, a seleção do segmento idoso rio-clarense justificou-se pelo argumento de que o Município de Rio Claro foi considerado o terceiro "mais envelhecido" do Estado de São Paulo, dado sustentado nos estudos de [Guidugli](#) (2002, p. 10), comparando o envelhecimento da população de Rio Claro e a do Estado de São Paulo, entre os anos de 1940 e 2000. Ao eleger essa amostragem, no contexto no qual foi operacionalizado estudo mais amplo, envolvendo todos os conteúdos culturais do lazer, os pesquisadores despiram-se de quaisquer juízos de valor, procedimento esperado em investigações de natureza científica.

## Procedimentos

Como prevê o protocolo de investigação envolvendo seres humanos, foram respeitadas todas as normas exigidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa, do Instituto de Biociências, da UNESP - Campus de Rio Claro. Na etapa de planejamento da pesquisa de campo identificou-se, dentre os grupos de convivência do município de Rio Claro, aquele que reunisse atributos positivos qualitativamente e quantitativamente e que se configurasse nos pressupostos teóricos relativos à educação não-formal. O grupo selecionado foi o regularmente matriculado na Faculdade de Terceira Idade Claretianas.

De posse da anuência dos participantes, expressa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, teve início a etapa de coleta de dados. Utilizando-se do instrumento questionário previamente validado por especialistas doutores, adotou-se o procedimento para assegurar a compreensão e o domínio de seu conteúdo, levando em consideração o provável nível de informação dos respondentes.

## Análise e discussão dos dados

Os dados foram analisados descritivamente, por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temático (BARDIN, 2004; RICHARDSON, 1999). Para Triviños (1992), são três as etapas norteadoras da aplicabilidade desta técnica: “pré-análise”, “descrição analítica” e “interpretação aplicabilidade desta técnica: “pré-análise”, “descrição analítica” e “interpretação inferencial”. Torna-se importante salientar que a apresentação bruta dos dados tem limitações obstrutoras dos 100% na totalização dos resultados, uma vez que um único idoso pode ter contribuído com mais de uma resposta para cada questão.

## Resultados e Discussão

No que concerne aos dados pessoais, os cinquenta respondentes constitutivos da amostra voluntária do estudo eram todos alfabetizados, correspondendo a 38 (76%) participantes do sexo feminino e 12 (24%) do sexo masculino. Sua caracterização, quanto ao **nível de instrução**, preservando a linguagem dos respondentes, recaiu sobre 19 (38%) pessoas com nível superior completo, 16 (32%) com secundário completo, seguidos por 9 (18%) com "primário" completo, 3 (6%) com secundário incompleto e 3 (6%) com "primário" incompleto.

A **faixa-etária** esteve distribuída entre 30 pessoas (60%) na faixa dos sessenta, 12 (24%) na dos setenta e 08 (16%) na dos oitenta anos. A **nacionalidade**, só não foi exclusivamente brasileira (98%), pela presença de um (2%) respondente de origem alemã. Outro dado significativo, caracterizador dessa amostra, foi a natureza da ocupação profissional dos sujeitos. Nela, 39 (78%) auto-denominaram-se "aposentados", cujos tempos variam de 02 a 32 anos, sendo que dois deles não explicitaram o período em que se encontram nessa condição, tomada, por eles, como sinônimo de ocupação. Além dos aposentados, dos registros constam 08 (16%) idosos não aposentados e 03 (6%) pensionistas.

Bastante curiosa é a gama de ocupações com as quais estes participantes estiveram engajados, ao longo da vida profissional. Esta diversidade de perfil profissional, ilustrada numericamente em ordem decrescente, ficou assim composta: 15 (30%) professores, 09 (18%) "aposentados", 08 (16%) do lar, 06 (12%) não responderam, 02 (4%) modista, 01 (2%) cabelereira, 01 (2%) secretária tri-lingue, 01 (2%) secretária, 01 (2%) bancária, 01 (2%) assistente social, 01 (2%) funcionário público, 01 (2%) auditor fiscal, 01 (2%) enfermeiro

do trabalho/presbítero católico/ professor, 01 (2%) técnico eletricista e 01 (2%) artista plástico.

A amostra, após vivências dos conteúdos culturais intelectuais do lazer, proporcionadas pela Faculdade de Terceira Idade com a finalidade de ampliar o conhecimento dos idosos quanto às opções promotoras e mediadoras do *aprender a envelhecer*, ao ser indagada sobre *Quais as suas preferências para aguçar seu conhecimento, de modo espontâneo e prazeroso, Por que?* elegeu o “assistir noticiários na TV” (70%) como a atividade mais freqüente nos seus hábitos cotidianos, justificando que esse tipo de escolha os coloca para pensar, refletir, avaliar, comentar, criticar ou até mesmo concordar com os fatos e imagens veiculadas. Ao mesmo tempo, esse veículo comunicativo e informativo traz o mundo inteiro para dentro de seus lares, sem que precisem se locomover.

Com isso, a amostra reiterou a literatura pertinente ao lazer (MARCELLINO, 2002a) que coloca a TV e o rádio como líderes na ocupação do tempo livre do brasileiro, em qualquer faixa-etária, sexo, ocupação profissional, condição socioeconômica.

Outro ponto a ser posto nessa discussão, são os motivos que deram sustentação a tais escolhas, que corroboraram com a literatura quando enfatizaram as questões pertinentes à redução das múltiplas barreiras, existentes no contexto do fenômeno social lazer (MARCELLINO, 2002b; MCPHERSON, 1994, 2000). Desse modo, os idosos elucidando seus porquês, alegaram que essa escolha dá conta de satisfazer suas necessidades e expectativas, uma vez que a vivência desse interesse intelectual não implica custos financeiros adicionais. Nesse sentido, a diluição das barreiras econômica e da locomoção favorece o lazer doméstico devido à sua praticidade.

Sem entrar no mérito da discussão sobre o que é melhor ou pior quanto ao lazer vivenciado dentro e/ou fora de casa (CAMARGO, 2001), a literatura revisada expôs que as atividades domésticas de lazer são mais freqüentes que as vivenciadas fora desse âmbito. A moradia favorece diversas práticas e a fruição cultural, tais como, o cuidado com plantas e animais, jardinagem, horta, consertos manuais, coleções diversas, audição de rádio e CDs, assistência de TV, DVDs, leitura de diferentes tipos, eventos sociais da família e amigos, etc...

Essas experiências, acontecendo no ritmo e na medida do bolso dos seus moradores, descartam algumas daquelas barreiras

comentadas na literatura pertinente (MARCELLINO, 2002a, 2002b). Daí, então, ser fácil entender porque é preferida e que esse fato não se restringe ao público idoso.

O que se pretende, com essas alusões, é diluir alguns estereótipos quanto à maior ou menor validade das escolhas por experiências dentro ou fora de casa, as quais, conforme Camargo (2001), respectivamente, embutem estereótipos associados às idéias de pobreza, conformismo, alienação, em contrapartida com riqueza, criatividade, grande quantidade de episódios e acontecimentos. Para ele, entre os que vivenciam opções de lazer dentro e fora de casa, não existe nenhuma diferença de natureza, mas sim, de grau na escala que vai da atitude mais voluntarista a mais fatalista, diante das variáveis futuro e trabalho.

Enfatizando que não necessariamente as vivências fora do domicílio, sejam mais importantes que as de dentro dele, Camargo (2001) assinalou que a vida doméstica, sendo o cotidiano, pode induzir aos baixos níveis de mudança social e à reprodução cultural. Isto, segundo o autor, pode ocorrer devido à propensão de redução dos níveis de sociabilidade, trocas e participação na vida cultural, política e religiosa.

Ainda nessa linha de raciocínio de lazer vivenciado no reduto da moradia da amostra e, ainda, reforçando a interferência do aparelho TV no aprender a envelhecer do idoso, apareceram os filmes em vídeo, inclusive sobre saúde e envelhecimento (55%). Estes, além de promoverem a percepção, a análise da lógica dos fatos e dos problemas sociais, étnico, raciais, religiosos, entre outros, retratados no enredo dos filmes, também, colaboram para que seus expectadores situem a realidade do envelhecimento numa conjuntura de natureza macro, revelando as alegrias e angustias que afetam todas as pessoas nesse momento vital. Com isso, as mensagens desses filmes desempenham papel significativo na potencialidade de fazer com que os amostrados revejam suas atitudes, redimensionem suas condutas face à inusitada e complexa realidade do envelhecimento atual.

Essas múltiplas formas de linguagem, que demandam por parte dos amostrados, “leituras” e “releituras”, denotam aspectos significativos concernentes ao prazer em aprender (BARTHES, 1996) e à aquisição do saber com sabor (ALVES, 2007).

Talvez, em função disso, outra opção apontada pela amostra, também favorecida no

ambiente doméstico, foi a da leitura de jornais, revistas, livros específicos e outros (54%). Essa significativa adesão à leitura, como uma opção da gama dos interesses intelectuais, pode ser facilmente compreendida, seja pela facilidade de sua obtenção e custo proporcional às posses de cada leitor, mas, principalmente, pela importância e ressonância do ato de ler na vida de todos os leitores das (entre) linhas (FREIRE, 1988):

A leitura de diferentes tipos de textos e fontes de informação/conhecimento pode sugerir mecanismos estratégicos de resistência, uma vez que esta ação cognitiva subsidia e dá sustentação às maneiras de compreender os diferentes nuances do ciclo vital, numa sociedade palco de mazelas, antagonismos e discrepâncias que, insistentemente, afetam determinados segmentos, como é o caso da pessoa idosa focalizada neste estudo. Para alguns dos colaboradores dessa investigação, o preenchimento qualitativo do tempo, no contexto da rotina, pode representar saída criativa na compreensão e extrapolação dos textos acerca do envelhecimento, da velhice e da velhice extrema (WEINECK, 1991).

Neste país, que apesar de envelhecido, ainda resiste por atribuir dignidade, respeito e amparo ao idoso, acirrando as gritantes desigualdades e contradições sociais, a leitura, a informação e o conhecimento fornecem subsídios para a estruturação biopsicosociocultural equilibrada, capaz de transgredir aos impactos da gama de pressões que ainda negam as conquistas positivas do envelhecimento, tanto nos níveis pessoais, como coletivos e cidadão. A leitura, então, permitindo conhecer o texto, o contexto, as linhas e as entrelinhas para além desse texto, aumenta as probabilidades da adoção de saídas eficazes diante de situações-problema pertinentes ao ser e estar na condição de idoso, como culminância do processo bem sucedido do aprender a envelhecer.

Embora com possibilidades de serem vivenciadas fora do espaço da casa, a terceira opção apontada pelos respondentes na questão *Que outras alternativas se utiliza para manter seu lado intelectual ativo? Por que?* jogos de estratégia como xadrez e dama (35%), também sugeriu gosto pelo espaço doméstico. A validade do jogo, “[...] pólo extremo da *assimilação*<sup>9</sup> do real ao eu” (PIAGET, 1971, p. 207) no desenvolvimento dos aspectos cognitivos humanos é incontestável.

<sup>9</sup> Assimilação é o processo pelo qual o ser humano incorpora os elementos do mundo externo aos seus próprios esquemas.

Estudos de [Piaget \(1971, 1983, 1985\)](#) sobre como o ser humano constrói o conhecimento, elucidaram essa questão, na medida em que enfatizaram o papel ativo do sujeito cognoscente nesse processo, descartando a perspectiva de que as idéias seriam inatas, adquiridas sem esforço ou transmitidas hereditariamente. Nesse processo de construir ativamente o conhecimento, por meio da experiência que coloca o sujeito em (inter) ação com o meio, seus esquemas assimiladores são mobilizados a cada momento e o aprender, nesses parâmetros teóricos, implica no assimilar do objeto cognoscitivo aos esquemas mentais.

A aprendizagem, na perspectiva piagetiana, é colocada como aquisição em função do conhecimento e que só se instala quando ocorre a assimilação ativa de algum tipo de realidade numa estrutura. Assim, ao vivenciar jogos de estratégia, como o xadrez e a dama, os idosos podem aumentar suas oportunidades de desenvolvimento de suas habilidades cognitivas para a antecipação dos fatos (estratégias de ação) e seus resultados. Também nesse aspecto são favorecidos a organização mútua nas ações, a intensificação das comunicações, da cooperação, do descobrir o outro, o que repercute na descoberta de si mesmo, na vazão ao elemento lúdico, no crescer e no aprender.

Essa tendência de o ser adulto ocupar o tempo livre com jogos, na década de oitenta, instigou as reflexões existencialistas por parte de [Cohen \(1987\)](#), o qual observou que esse aumento do tempo dedicado ao jogo revelava momentos de crise, nos quais, o ser humano, submetido às pressões da vida, não queria enfrentar a realidade. E esse aspecto remete ao da representação simbólica, não dissociada da ação do sujeito sobre o objeto.

Quando o símbolo perde esse caráter funcional, instala-se um alerta de que o processo de *adaptação* está em desequilíbrio. O caráter simbólico do jogo e de todas as atividades lúdicas, expressivas e comunicativas de que dispõe o ser humano oferece oportunidades de o mesmo (re)organizar sua própria história, coordenar esquemas mentais e deixar emergir esquemas tanto afetivos como criativos. Concomitantemente ao seu agir e interagir com o objeto do conhecimento, ele delimita linhas de sua individualidade e singularidade para representar, a seu modo, a realidade, já que tais representações, pessoal e coletiva, emergem segundo níveis de sua internalização: da gestual à imagética, da verbal à gráfica.

Os participantes, ao refletirem sobre *O(a) Sr(a) tem alguma outra opção, no contexto do lazer, que trabalha seu potencial intelectual? Qual ou quais?*, em percentuais menores que os já apresentados e, num posicionamento que parece convergir com a necessidade de romper com a rotina do espaço da casa, a quarta opção da amostra recaiu sobre as visitas a museus (8%). Interessante a constatação identificada nas modalidades escolhidas, de que a maioria delas revelou uma tendência de vivenciar o aprender a envelhecer de modo individual e não compartilhado, sustentado por uma motivação intrínseca, cuja recompensa reside nela mesma, denotando as experiências máximas descritas por [Csikszentmihalyi \(1988, 1992\)](#)

[Csikszentmihalyi \(1992, p. 267-268\)](#), a respeito das experiências máximas de natureza autotélica, discutiu a satisfação humana na solidão e em companhia. Nesta última situação, ele expôs que na satisfação gerada pelas amizades, o sujeito tem a possibilidade de expressar aspectos que raramente revela: capacidade *instrumental* para lidar com o meio ambiente e capacidade *expressiva*, as quais, como experiências subjetivas, colocam o ser em contato com seu verdadeiro *self* e no controle de sua consciência, o que lhe possibilita gerenciar a qualidade de suas experiências, tornando sua vida mais agradável, rica, significativa e feliz.

Além disso, é importante lembrar que os processos cognitivos assimilados se desestruturam e rompem com sua acomodação ([PIAGET, 1983, 1985](#)). Esses estudos, pertinentes à aprendizagem humana, independentemente dos contextos nos quais as mesmas se processam, auxiliam na compreensão do fato de que o novo e o desconhecido funcionam como desestabilizadores da *adaptação* que contempla dois processos complementares denominados *assimilação* (esforços feitos pelos indivíduos para lidar com o ambiente, levando-o a se ajustar às estruturas existentes no organismo; processo pelo qual se modifica o estágio mental em resposta a demandas externas) e *acomodação* (complemento da assimilação, processo desencadeado quando as qualidades do ambiente, não se coadunando com os conceitos existentes, em resposta às demandas externas, promovem a alteração dos mesmos).

A velocidade, duração e intensidade dos processos descritos por Piaget dependem dos níveis de competências pessoais para lidar com essa situação, de modo a transpô-la positivamente e alcançar, novamente, patamares



de acomodação e assimilação, num movimento cíclico dinâmico, ao longo de toda a existência do sujeito cognoscente. Nesse quesito, devem ser consideradas, além dos sentimentos de ansiedade e medo, as emoções e sua intensidade, como ferramentas básicas de orientação, atentando que a regulação emocional permite equilibrar os componentes racionais e afetivos presentes na conduta humana e, inclusive, da pessoa idosa, eternamente aprendiz do seu aprender a envelhecer.

### Conclusão

Todas essas pistas desveladas e descritas, nesse estudo qualitativo e exploratório, constituem-se ricas informações para a implementação de políticas públicas, privadas e do terceiro setor direcionadas ao propósito de fomentar, na população como um todo, modalidades diversificadas no contexto do lazer doméstico e/ou extra-doméstico. Estas iniciativas poderiam ser implementadas de tal modo que, como aprendizagem não-formal mobilizadora de repertório cognitivo, repercutam e enriqueçam os tipos e os níveis de atividades do lazer vivenciados no ambiente doméstico.

O estudo conclui que as vivências intelectuais, aguçando os sentidos crítico e criativo, subsidiam maior e melhor compreensão sobre o processo do envelhecimento e que ações comprometidas e competentes na direção do aprender a envelhecer podem significar políticas preventivas, com culminância positiva nesse momento do desenvolvimento humano.

Torna-se premente possibilitar ao idoso que supere a desinformação quanto às possibilidades de opções, oportunidades de acesso, equipamentos existentes e até a questão de atitudes, valores, crenças, hábitos que, sem estimulação para possíveis modificações e permanecendo cristalizados, geram um panorama nada alentador no que tangencia as interfaces entre qualidade de vida - envelhecimento feliz e saudável. Fica a responsabilidade social desafiada, à luz da ética e competência dos profissionais engajados nas áreas da Motricidade Humana e Educação Física e outras áreas que atentam ao fenômeno do lazer, para a necessidade de atuarem como agentes educativos, devendo instigar o segmento idoso a promover a (re) invenção, a (re)significação das formas criativas de *ser, fazer, aprender a aprender* e do *conviver*, direcionadas à emancipação e liberdade e à concretização da universalização da cidadania.

A vertente intelectual do lazer pode, ainda, funcionar como a ferramenta subversiva para revoluções silenciosas e transformação do cenário excludente pintado pelo imaginário social, que estigmatiza a pessoa idosa como "ponta de estoque", fracasso, fragilidade, improdutividade, debilidade, incapacidade, decadência, fora de uso, de não serventia, limitações e perdas sem fim. Esse estudo concluiu, também, que a democratização das oportunidades dessas vivências potencializadoras da construção do conhecimento e do manejo criativo e crítico das variáveis que configuram esse momento do ciclo vital, deve ser a palavra de ordem nessa sociedade de "cabelos brancos", com sensíveis repercussões na cidadania e no processo de emancipação.

### Referências

ALVES, R. **Gaiolas ou asas: a arte do voo ou a busca da alegria de aprender**. Porto: Edições Asa, 2007.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Setenta, 2004.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BARRETO, M. L. F. **Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social**. São Paulo: Ática, 1992.

BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELLEFLEUR, M. **Le loisir contemporain**. Essai de philosophie sociale, Quebec: Presses de l'Université du Quebec, 2002. (Collection Temps Libre et Culture).

BOBBIO, N. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BRASIL. **Lei 10741, de 01 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF, 2003.

CAMARGO, L. O. de L. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CAMARGO, L. O. de L. Sociologia do lazer. In: ANSARAH, M. G. dos R. (Org.). **Turismo: como aprender, como ensinar**. São Paulo: Editora SENAC, 2001. v. 2, p. 235-275.

- COHEN, D. **The development of play** – concepts in developmental psychology. Austrália: David Cohen, 1987.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. The flow experience and its significance for human psychology. In: CSIKSZENTMIHALYI, M.; CSIKSZENTMIHALYI, I. S. (Ed.). **Optimal experience: psychological studies of flow in consciousness**. New York: Cambridge University Press, 1988. p. 15-35.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. **Flow: the psychology of happiness**. London: Rider, 1992.
- DEBERT, G. As representações sociais (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: UMA AGENDA PARA O FINAL DO SÉCULO, 1., 1996, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: Ministério da Previdência e Assistência Social, 1996. p. 35-45.
- DE GÁSPARI, J. C.; SCHWARTZ, G. M. O idoso e a resignificação emocional do lazer. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 69-76, jan.-abr. 2005.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC; UNESCO - United Nations Educational Scientific and Cultural Organization, 2003.
- DISKIN, L. Qualidade de vida é possível? **Revista E**, São Paulo, v. 41, p.36-38, 2000.
- DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.
- FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FERRIGNO, J. C. **Co-educação entre gerações**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: SESC, 2003.
- FESTINGER, L. (Org.). **A theory of cognitive dissonance**. Stanford: Stanford University Press, 1957.
- FIELD, J. *Social Capital and Lifelong Learning*. Bristol: The Policy Press, 2005.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1988.
- GUIDUGLI, O. **Envelhecimento populacional em escala micro-espacial: questões sócio-espaciais e o caso Rio Claro-SP**. 2002. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp/XVI/encontro/Anais\\_Abep\\_2002/PDF/Com\\_Env\\_ST45\\_Guidugli\\_teto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp/XVI/encontro/Anais_Abep_2002/PDF/Com_Env_ST45_Guidugli_teto.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2007.
- HAWORTH, J. T.; ISO-AHOLA, S. E. **Work, leisure and well-being**. London: Routledge, 1997.
- HOLMES, A. **Lifelong learning**. Oxford: Capstone Pub., 2002.
- IWANOWICZ, J. B. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. In: BRUHNS, H.T. (Org.). **Temas sobre lazer**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. p. 101-129.
- MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2002a.
- MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002b.
- MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise, interpretação de dados**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- MARQUEZ FILHO, E. *A atividade física no processo de envelhecimento: uma proposta de trabalho*. 1998. 89 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- MCPHERSON, B. Sociocultural perspectives on aging and physical activity. **Journal of Aging and Physical Activity**, Champaign, v. 2, n. 4, p. 329-353, 1994.
- MCPHERSON, B. Envelhecimento populacional e lazer. In: SESC/WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: Sesc/WLRA, 2000. p. 227-238.
- NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**. Londrina: Midiograf, 2001.
- NERI, A. L. (Org.). **Psicologia do envelhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, 1995a.
- NERI, A. L. O desenvolvimento integral do homem. **A Terceira Idade**, São Paulo, ano 6, n. 10, p. 4-15, 1995b.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Resolução 46/91**. Aprovada na Assembléia Geral das Nações Unidas, em 16 dez. 1991. 1991. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/bioetica/onuido.htm>. Acesso em: 24 nov. 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS.  
Acerca de la OMS. Disponível em : <<http://www.who.int/about/es/>>. Acesso em: 10 jul. 2007.

PALYS, T. **Research decisions**: quantitative and qualitative perspectives. 3rd ed. Toronto: Thomson Nelson, 2003.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo, sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PIAGET, J. Piaget's theory. In: MUSSEN, P. (Ed.). **Handbook of child psychology**. 4th ed. New York: Wiley, 1983. v.1.

PIAGET, J. **The equilibration of cognitive structures**: the central problem of intellectual development. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p.23-31, dez. 2003.

SINGER, R. **Allgemeine Gerontologische Grundlegung**. Schorndorf: Hofmann Verlag, 1981.

SUTHERLAND, P.; CROWTHER, J. **Lifelong learning**: concepts and contexts. London: Routledge, 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

VERAS, R. A novidade da agenda social contemporânea: a inclusão do cidadão de mais idade. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 6-29, set. 2003.

WEINECK, J. *Biologia do esporte*. São Paulo: Manole, 1991.

Endereço:

Jossett Campagna  
Laboratório de Estudos do Lazer  
DEF/IB/UNESP- Campus de Rio Claro  
Av. 24-A, 1515 Bela Vista  
Rio Claro SP Brasil  
13506-900  
e-mail: [jossett\\_c@yahoo.com](mailto:jossett_c@yahoo.com)

Recebido em: 15 de setembro de 2009.

Aceito em: 03 de novembro de 2009.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Resumo apresentado no VI Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XII Simpósio Paulista de Educação Física, realizados em 30 de abril a 03 de Maio de 2009, na UNESP - Campus de Rio Claro, SP, Brasil.